

O LAÇO NA ESCRITA: UMA PROBLEMATIZAÇÃO PARA O ENSINO

Jorama de Quadros Stein¹

joramastein@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo problematizar o laço entre professor-revisor e aluno-scriptor na escrita. Para tanto, parte da noção de escrita na reflexão de Benveniste e do estudo dos pronomes na obra do linguista sírio. Promove, também, uma discussão sobre a configuração do laço em um excerto de uma resenha produzida por uma aluna em disciplina na universidade e em trecho da interlocução mantida por ela e a pesquisadora após a realização de sua produção. O estudo conclui que o laço configura-se em uma *forma complexa do discurso* necessária para possibilitar a aprendizagem da escrita.

Palavras-chave: escrita; enunciação; laço; experiência.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O sujeito que nós conservamos na linguagem possui uma descontinuidade permanente, uma historicidade radical, uma plasticidade constitutiva. Um sujeito em constante recomeço, um sujeito aos pés de um “tu”.² (Capt, 2013: 79, tradução minha).

A problematização acerca da dificuldade de se ensinar a escrever é uma constante. Muitos educadores alegam que mesmo diante de todo o seu empenho na prática de sala de aula, os alunos ainda demonstram dificuldades no desenvolvimento da produção escrita. Essa demanda interroga a linguística. Interroga de forma ainda mais veemente a linguística da enunciação, a qual busca produzir reflexões que atentem para a indissociabilidade entre homem e linguagem, uma vez que "é um homem falando que encontramos no mundo, um

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

² Coloco-me aos pés de Tus, aos quais agradeço: à minha eterna orientadora e razão de minha inspiração, profa. dra. Marlene Teixeira (*in memoriam*) pelo laço indelével comigo, que produz ressonâncias em minha escrita; ao meu orientador, prof. dr. Valdir do Nascimento Flores, com o qual aprendi a construir um laço significativo, o qual me faz rever o meu modo de estar com minha escrita, reiventando-se para orientar meu processo de escrita; à minha orientadora, prof. dra. Dorotea Frank Kersch, pelo apoio e enlace que estamos construindo pela oferta de sua interlocução profícua; àquelas que se colocam no lugar de interlocutoras e que são sábias e pacientes para que meu engajamento se efetive: Sabrina Vier e Sandra Klafke.

homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem." (Benveniste, PLG I: 285).

Nesse sentido, e preciso esclarecer que Benveniste define *linguagem* “como capacidade simbólica inerente à condição humana; apresenta-a como condição da existência do homem, sempre referida ao outro, pois é numa relação intersubjetiva que o sujeito se institui na/pela linguagem” (Teixeira, 2012b: 4). A definição de linguagem em Benveniste, portanto, acentua o viés antropológico de sua teoria da enunciação, conduzindo a problematizações que contribuem para uma ciência que se deixa interrogar pelo mundo e produz reflexões.

Nas palavras de Teixeira (2012b: 4), “A teoria da enunciação de Benveniste contém o projeto de uma ciência geral do homem. Isso porque, embora inscreva-se no campo do que se chama *linguística*, não se limita a ele”. Essa abertura é, de acordo com Teixeira (2012a), fundamentada pelo estudo dos pronomes realizado por Benveniste.

Atenta à abertura que a linguística da enunciação é capaz de realizar, construo este texto, o qual tem como objetivo problematizar o laço entre professor-revisor e aluno-scriptor no ensino de escrita. Para tanto, ele será subdividido em três momentos: no primeiro, trago a síntese da noção de escrita na reflexão de Benveniste, no segundo, apresento a compreensão de laço a partir das formulações do linguista sírio e, no terceiro, realizo uma discussão a partir de dois excertos extraídos de duas versões de texto produzidas por uma aluna de graduação e de uma passagem da interlocução em que ela trata dos movimentos realizados a partir da intervenção da professora.³

2. A ESCRITA NA REFLEXÃO DE BENVENISTE

Quando trato de escrita aqui, tenho especial atenção ao que chamarei de *convites* para pensá-la. Os dois momentos que mencionarei conferem à escrita um estatuto de problema. Não é à toa que eles estão no *Problemas de Linguística Geral II*. O primeiro está no texto de 1969, *Semiologia da língua*, em que Benveniste coloca o estudo de textos escritos e, se entendo bem, por extensão da escrita, como pertencente a uma *semiologia de segunda geração*, a qual tem o signo saussuriano como base, mas que vai além dele.

³ O excerto problematizado é parte do *corpus* de minha tese: o relato de minha experiência diante de duas aulas preparatórias para a escrita, de duas versões de texto de dois alunos e da interlocução que tive com eles após a produção. Interrogada pelo desafio de se ensinar e aprender a escrever, na tese, derivo uma compreensão de escrita da obra de Benveniste e proponho uma noção que contribua para o ensino de escrita. A reflexão é realizada com base na análise da noção de escrita construída ao longo do relato.

O segundo está no *Aparelho formal da enunciação*, quando Benveniste aborda a necessidade e a complexidade de tratarmos do tema:

Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação. [...] Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem. Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado até aqui. (Benveniste, 2006 [1970]: 90).

Tendo em vista o fato de a escrita ser apresentada como um problema, como uma *forma complexa do discurso* a ser estudada, buscarei nas *Últimas Aulas* essa concepção. Meu estudo, no entanto, não pertence mais à “semiologia de primeira geração” porque a abordagem que farei aqui extrapola o *stricto sensu*, uma vez que considera a escrita uma experiência singular do homem na linguagem. Nas palavras de Teixeira (2012):

Pode-se dizer que a opção pelo *problema* é, em Benveniste, uma atitude heurística, caracterizada por não se esquivar da “matéria estranha”⁴; é uma escolha por abordar o fenômeno da linguagem sem querer domesticá-lo ao que a razão *suporta*; é um encontro do homem de ciência com o seu limite, pelo reconhecimento, no objeto, de uma dimensão enigmática e mesmo inacessível à racionalidade”. (Teixeira, 2012: p.4).

A escrita é, assim, uma matéria complexa, um sistema de alta abstração, que pressupõe profunda elaboração, o qual não pode ser acessado em sua totalidade.

Ao percorrer a obra *Últimas Aulas*⁵, na qual encontramos o curso sobre escrita que Benveniste estava ministrando no Collège de France, é possível sintetizar a compreensão de escrita assim:

⁴ Teixeira (2012) entende por “matéria estranha” “o conjunto de aspectos que a ciência do polo epistêmico procuram neutralizar de qualquer relação com o *aqui* e *agora*. Trata-se do saber que *exorbita* o objeto, constituído dentro de uma visão hegemônica de ciência, fora de toda *aderência* local.” (Teixeira, 2012: 5). De acordo com a linguista, “a expressão “matéria estranha” não abrange somente o que a ciência opta por ignorar. Recobre também aquilo que não pode ser conhecido pelo pesquisador, seja porque diz respeito a uma matéria complexa, seja porque relaciona-se com a dimensão do que é da ordem do indizível”. (Teixeira, 2012: 6).

⁵ A obra original intitula-se *Dernières Leçons*, de Émile Benveniste. Publicada em 2012, na França, esta obra reúne os manuscritos do linguista, os quais correspondem às aulas que ele preparava para o Collège de France entre 1968-1969, um pouco antes de sofrer o acidente vascular cerebral que comprometeria sua fala e, consequentemente, o impediria de prosseguir seus estudos. A obra é organizada e apresentada por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio e conta com notas do primeiro e da linguista Claudine Normand, sendo que ambos foram alunos de Benveniste. Colabora com a publicação, Jacqueline Authier-Revuz, como uma das auditoras. O prefácio é de Júlia Kristeva e o pós-fácio de Tzvetan Todorov. Utilizo aqui a tradução coordenada pelo dr. Valdir do Nascimento Flores.

- i) a escrita é um sistema que pressupõe uma abstração de alto grau, uma vez que articulado ao processo de elaboração da linguagem interior e ao desprendimento da riqueza contextual;
- ii) a escrita não é língua, embora a suponha;
- iii) a escrita é o instrumento de autosemiotização da língua;
- iv) a escrita é uma forma secundária da fala no sentido de ser paralela a ela.

Enfim, por toda a discussão realizada por Benveniste para tratar do estatuto da escrita na sociedade, é possível compreendê-la como o sistema que permite à humanidade, enquanto coletividade, e a cada homem, em sua singularidade, renovar-se à medida que aprende a elaborar sua linguagem interior e, assim, (re)velar sua experiência.

A partir da noção de escrita em Benveniste e da reflexão de Flores e Teixeira (2013) para o estudo das *formas complexas do discurso* na perspectiva da linguística da enunciação benvenistiana, abordo o laço na escrita.

3. O LAÇO NA ESCRITA: UMA DISCUSSÃO

A teoria enunciativa benvenistiana, articulada a sua teoria geral da linguagem, possibilita que, diante da relação eu-tu/ele no processo de escrita, reavaliemos o lugar que atribuímos ao "tu" na instância enunciativa, ou melhor, no papel do alocutário na configuração do laço. Para tanto, faço um percurso em alguns textos benvenistianos, nos quais o mestre sírio traça uma trajetória que nos permite olhar para os pronomes de uma maneira bem diferenciada, anunciando, ao final de seus estudos, a abertura para uma dimensão antropológica da linguagem. Em seguida, apresento a abordagem de Dufour acerca dos pronomes, especialmente no que se refere à configuração do "ele"/ ~~ele~~ na escrita. Por fim, entrelaço ambos os estudos a fim de discutir o laço no processo de escrita.

Em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), Benveniste dá o primeiro passo para ir além da noção de pessoa enquanto categoria gramatical. Nesse texto, Benveniste discorda da suposta simetria entre *eu-tu-~~ele~~*. Aí anuncia a unicidade específica e a inversibilidade dos pronomes *eu-tu*, os quais são sempre únicos a cada instância enunciativa e juntos constituem a correlação de subjetividade, ou seja, nesse texto fica explícito que é o *eu* que postula um *tu* e que é da interlocução entre eles que a subjetividade emerge.

Eu-tu são, portanto, diferentes de *ele*, o qual constitui a forma não-pessoal, uma vez que não entra no discurso como pessoa. Trata-se, portanto, da categoria que designa o que se fala e que possibilita a predicação verbal.

Quanto ao *nós*, Benveniste destaca duas formas de plural: um plural exclusivo e um inclusivo. O primeiro é configurado por “eu+ eles”, em que *eu* fica evidente, ou seja, um plural, que implica a junção do *eu* com outros que não aqueles para quem a fala se destina. Nesse caso, o alocutário é excluído. Já o segundo é configurado por “eu + tu”, em que a convocação de um alocutário, na posição de interlocutor, como convidado para participar do discurso, é nítida. No plural inclusivo, portanto, o *tu*, postulado pelo *eu*, ganha destaque, uma vez que se sente parte do discurso proferido pelo locutor.

Nesse texto de 1946, o *eu* ganha destaque, pois sem esse pronome não há instauração do homem na língua, mas o *tu* também tem seu lugar reconhecido, embora seu lugar se revele aos poucos na teoria benvenistiana. Nesse artigo, o *tu* pode ser lido como:

- o que possibilita a subjetividade operada na correlação entre eu-tu;
- o que possibilita que o outro se sinta parte do plural por mim enunciado.

Enfim, ao falar/escrever, eu convoco os que comigo estão naquele "dizer" e/ou aquele que interpelo/lê o meu texto e é esse que convoco que me permite ser eu: "eu" é sempre transcendente em relação a "tu". Quando saio de "mim" para estabelecer uma relação viva com um ser, encontro ou proponho necessariamente um "tu" que é, fora de mim, a única "pessoa imaginável". (Benveniste, PLG I: 255).

Essa pessoa que o "eu" imagina é o "tu", que é "muito particularmente - mas não necessariamente - a pessoa interpelada." (Benveniste, PLG I: 255). O *tu* pode não ser diretamente convocado a uma resposta, como é comum à escrita, mas ele está presente, uma vez que o *eu* o projeta. Logo, é ele que permite que o *eu* se subjetive e, por isso, é chamado de "pessoa não subjetiva". A correlação de subjetividade opõe *eu* a *tu*, enquanto a de personalidade, opõe *eu/tu* a *ele*.

Em *A natureza dos pronomes* (1956), Benveniste reitera a limitação da definição da pessoa gramatical. Logo de início instaura a abordagem dos pronomes como um problema de linguagem justamente porque só fazem sentido na instância de discurso. A discussão pronominal extrapola o âmbito da "categoria de linguagem" e passa ao de "posição na linguagem", afinal de contas, ao se enunciar, o locutor assume um lugar na língua. É no ato enunciativo, no processo de interlocução, que se torna possível falar de/sobre algo: "É por isso que não há truísmo em afirmar que a não-pessoa é a única forma de enunciação possível para

as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas". (Benveniste, PLG I, 2005 [1956]: 282). Nesse sentido, enunciar é se instaurar e para isso é preciso de um *tu*, do contrário não é possível falar de si nem de outro. Tal concepção abarca o fundamento da subjetividade na língua.

É em *Da Subjetividade na linguagem* (1958) que fica mais evidente o caráter antropológico do estudo de Benveniste: "É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem." (Benveniste, PLG I: 285). E continua: "**A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste.** *Eu* não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*." (Benveniste, PLG I: 286, grifos meus).

A afirmação em destaque sustenta a leitura que Capt faz do sujeito em Benveniste: um sujeito que é "ponto de chegada" (Capt, 2013: 82, tradução minha), "o sujeito é transitivo, sempre sujeito de 'alguma coisa'. Ele não é suficiente em si mesmo." (Capt, 2013: 78, tradução nossa). Esse sujeito que advém, é o que só emerge porque há um *tu*. Sem o *tu* não há eu. Essa é a exigência para a configuração da troca entre os parceiros.

Araújo (2014) evidencia que toda a enunciação pressupõe endereçamento de um *eu* a um *tu*, mas que nem sempre ocorre a troca entre os interlocutores. Ela sustenta que o endereçamento diverge da alocação propriamente dita, em que um falante apenas se dirige ao outro. O *endereçamento*, de acordo com ela, além de projetar os participantes dessa alocação, via representação, circunscreve a possibilidade de essa projeção não se efetivar de modo a converter a língua em discurso no ato de linguagem que o produz.

Nesse sentido, Rocha (2014) sustenta que a intersubjetividade é condição para a comunicação intersubjetiva. Se para haver comunicação intersubjetiva, é preciso troca, ela só é possível pelo *tu*, logo o laço, de que tratamos aqui, só acontece se houver troca. Para Araújo (2014), o laço corresponde à relação dialógica em que o *eu*, ao se endereçar a um *tu*, implica-se subjetivamente. Para ela, é fundamental o estabelecimento do processo de correferenciação entre os interlocutores porque assim é produzido o efeito pragmático da troca. Nesse sentido, podemos dizer que comunicação intersubjetiva e laço não são conceitos que se recobrem, mas sim que o primeiro é ponto de partida para o segundo.

Logo, podemos afirmar que o laço pode ser fundamentado a partir da teoria dos pronomes e do conceito de intersubjetividade em Benveniste, mas jamais pode ser bem concebido se não tivermos clareza da concepção benvenistiana de sujeito. O laço em Benveniste pode ser melhor compreendido se tomarmos sua teoria em uma dimensão antropológica. Assim como o sujeito benvenistiano só é possível na e pela linguagem, o laço

também é observável no/pelo processo de escrita e do ensino de escrita. Ele apresenta, portanto, uma dimensão incapturável porque advém da experiência única entre o aluno-scriptor e o professor-revisor. O laço, tal como estudamos aqui, é dimensionado em um olhar sobre o processo de enunciação, logo é complexo de ser observado.

Vejam os que diz *A linguagem e a experiência humana* (1965), um dos textos que mais tem sustentado reflexões para elevar os estudos de Benveniste para além da linguística:

Desde que o pronome eu aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome tu para se opor conjuntamente a ele, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento lingüístico que a funda. Mede-se por aí a distância, ao mesmo tempo ínfima e imensa, entre o dado e sua função. Estes pronomes existem, consignados e ensinados nas gramáticas, ofertados como os outros signos e igualmente disponíveis. Quando alguém os pronuncia, este alguém os assume, e o pronome eu, de elemento de um paradigma, se transforma em uma designação única e produz, a cada vez, uma nova pessoa. Esta é a atualização de uma experiência essencial, que não se concebe possa faltar a uma língua. (BENVENISTE, PLG II: 69, grifos meus).

Proponho, portanto, a olhar para a escrita enquanto reveladora da experiência humana. Essa proposição exige um trabalho cuidadoso para o processo em que o *eu* se instaura diante de um *tu*. O texto de 1965 aborda a temporalidade linguística, fundada no discurso, ou seja, é somente no presente linguístico que *eu-tu* co-constroem suas experiências. A cada vez que um *eu* adentra a língua, uma nova experiência humana acontece.

Nesse sentido, ao escrevermos, é preciso que consideremos que somos um “eu” novo a cada escrita. É fundamental que atentemos para o fato de não sermos os mesmos a cada versão e não sermos lidos da mesma maneira que imaginamos, porque se a cada vez a nossa condição na linguagem é única, também assim é para o alocutário que eu postular. Vejam o que Barthes afirma a partir do estudo da categoria de “pessoa” em Benveniste:

[...] no processo de comunicação, o trajeto do *eu* não é homogêneo; quando eu libero o signo *eu*, refiro-me a mim mesmo na medida em que eu falo, e trata-se então de um ato sempre novo, mesmo que repetido, cujo “sentido” é sempre inédito; mas, ao chegar ao seu destino, esse *eu* é recebido por meu interlocutor como um signo estável, provindo de um código pleno, cujos conteúdos são recorrentes. **Em outros termos, o eu de quem escreve não é o mesmo eu que é lido por tu.** (Barthes, 2012, p. 20-21, grifos meus).

Podemos dizer que, se em Benveniste fica clara a intersubjetividade como condição indispensável para a subjetividade, Barthes é o que antes de termos acesso às *Últimas Aulas* do linguista sírio, mais adequadamente observou nessa noção benvenistiana um ponto fundamental a ser considerado ao tratarmos da escrita. Enfim, se a escrita é um outro sistema, que exige outra organização do locutor em seu discurso, a intersubjetividade precisa ser

considerada como o estopim para compreendermos a troca a ser estabelecida entre professor-leitor e aluno-scriptor:

A intersubjetividade tem assim sua temporalidade, seus termos, suas dimensões. Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a **experiência humana** inscrita na linguagem. (Benveniste, PLGII: 80).

Consideramos que é no processo de troca na escrita que se instaura/registra uma experiência humana e é somente quando analisamos todo o processo que é possível redimensionar junto ao aluno a sua escrita a ponto de convidá-lo a *re*-inventar a sua relação com ela. É através da relevância que damos ao processo, que podemos *re*-inventar a compreensão da *re*-escrita na escola e na universidade.

Em *Estrutura da língua e Estrutura da Sociedade*, *eu-tu* são apresentados como o par que configura a estrutura de alocação inter-humana. Em ambos e por ambos a possibilidade de discurso é fundada e a referência torna-se possível. Nesse caso, a unicidade e singularidade do ato de estar na língua funda a subjetividade na escrita, o que não exclui a complexidade da escrita, compreendida como um outro sistema semiótico, que pressupõe uma série de abstrações. Nesse sentido, a *re-escrita* não pode ser vista como uma reedição, mas como uma nova enunciação, em que o locutor se institui como sujeito na e pela linguagem, e *reproduz* (Benveniste, PLG I, 1966: 26) uma certa relação com o mundo.

Nesse caso, para olharmos para a escrita de nossos alunos, por ora, baseados em Benveniste, propomos dois movimentos: um que lança um olhar sobre a escrita em si e outro sobre o nosso papel -enquanto professores- na troca que constitui o processo. É preciso compreender muito bem todos os pressupostos da escrita a fim de problematizá-los com os alunos: a configuração da temporalidade linguística, a unicidade do aqui-agora, a delimitação do eu-scriptor que postula um alocutário, a mobilização da linguagem interior, a abstração. É preciso que o professor se posicione como um interlocutor que possibilita troca (através de questões abertas ao longo do texto, de mediação oral, de comparação entre diferentes versões), pois é experienciando linguagem junto com os alunos que ensinamos a mobilizar/aprimorar a escrita. Nesse caso, qual poderia ser o papel do professor diante do texto de seu aluno?

Dufour (2000) leva-nos a problematizar a instanciação do quadro figurativo aluno-scriptor e professor-revisor, pois encontra no estudo dos pronomes em Benveniste uma dimensão mais antropológica:

Quando um sujeito fala, ele diz “eu” a um “tu” a propósito d’ “ele”. Falem e porão em jogo este sistema e, a partir de então, um fantástico ordenamento do discurso será instantaneamente efetuado. Poderei realmente dizer o que quiser [...] desde que “eu” enuncie para um “tu” (um leitor, também), meu discurso vai apresentar as garantias implicitamente requisitadas por todo interlocutor.” (Dufour, 2000: 69).

O discurso de *eu* está, portanto, diretamente permeado pelo *tu*, por ele configurado. No entanto, nada, nenhuma palavra pode ser encerrada em *eu* ou em *tu*, é preciso que haja um *ele* sobre quem se fala. Ou um *ele*, que, conforme Dufour (2000), não designa o terceiro sobre o qual as pessoas do discurso tratam, mas, sim, o ausente, o incapturável, aquilo que é da ordem do inconsciente e que permeia nosso dizer e nosso escrever.

Para *re-viver* suas experiências, o homem precisa a todo momento (*re*) acessar a língua em que estão presentes os rudimentos de uma cultura e ele só o faz por meio dos pronomes:

O prisma formado pelo conjunto “eu”, “tu”, e “ele” funciona, de certa maneira, como um dispositivo no interior da língua, que inscreve sempre em seus lugares os alocutários. Surge, assim, como uma espécie de língua prévia, uma língua de acesso à língua, *uma língua na língua*. (Dufour, 2000: 69)

Para Dufour (2000), a fórmula de Benveniste sobre *eu-tu* não tem que satisfazer a condição de verdade e entra no mundo antes de todo o controle. Dufour trabalha com a perspectiva de “ele”, embora apresentado como não-pessoa, não poder ser configurado como um índice exterior ao discurso, pois a partir de uma leitura atenta aos artigos de Benveniste, o filósofo francês encontra um *ele* co-referido, configurado como uma ausência marcada no campo da presença.

Dufour (2000) afirma que Benveniste se situa entre as exigências filosóficas e linguísticas. O fato de ele partir da construção da teoria de pronomes de Benveniste, centrada no *eu-tu* no *aqui-agora* em oposição a *ele*, permite que situemos a discussão a respeito da configuração do laço na escrita em uma dimensão antropológica de investigação. Em Benveniste, Dufour destaca: “Todos os sistemas mais complexos e mais diversificados de todas as línguas podem, em última instância, reduzir-se a este conjunto trino”. (Dufour, 2000: 71)

A leitura de Dufour abre o nosso olhar para a tríade enunciativa: *eu- tu/ele: Só se é um sendo três*. Eis a base do enlace: “Para ser um (sujeito), é preciso ser dois, mas quando se é dois, já se é três. Um é igual a dois, mas dois é igual a três.” (Dufour, 2000: 92). Se o laço é configurado por *eu-tu* que, em uma relação dialógica, estão a propósito de um *ele*, se retirarmos o *tu*, o sujeito não pode emergir. Logo, a teoria dos pronomes em Benveniste torna-se a teoria da (inter)subjetividade na linguagem.

Para Dufour (2000: 78): “A relação ‘eu-tu’ constitui, portanto a instância de gestão da desordem unária”. Essa constituição é “um dos elementos-chave de definição do campo do espaço de simbolização. “ (Dufour, 2000: 79). De acordo com o filósofo francês, o obstáculo que o outro faz a minha fala pode causar o esvaziamento do “eu”. Capt (2013) prefere designar o “tu” como *alocutário* (não como *interlocutor*), uma vez que aquele que é postulado pelo “eu” e que o sustenta, não pode com ele interagir no *aqui-agora* da sua escrita. Acreditamos, porém, que o que Dufour trata aqui é da relação na linguagem e não da supremacia do “eu”, ou seja, se o locutor não proferir *eu*, não há *tu*. No entanto, é em Capt (2013) que encontramos a elevação do valor de *tu* na troca entre os parceiros: é o *tu* que permite o reconhecimento do “eu”.

Em Dufour, lemos uma das metáforas que melhor explicam a transcendência de *eu* para *tu*: “Falando, pois, trocamos entre nós, essencialmente, o direito de usar o índice: **agitamos, cada um de nós, sob o nariz do outro, o chocalho da concha vazia.** Todo o nosso tempo é passado nisso”. (Dufour, 2000: 86, grifos meus). Enfim, é só porque há *tu* que há *eu*. Ambos, só existem porque são, antes de mais nada, três. Esse é o ponto de partida para que aconteça o laço. Assim, para que o "eu" consiga ser na escrita, ele precisa se sentir autorizado a "dizer-se" no papel e isso só é possível se há o *tu* que lhe permite se revelar, ainda que o alocutário esteja hipoteticamente configurado pelo *scriptor* e que aquele que o lê, leia um outro, que já não é o mesmo que se enunciou na escrita.

O laço só acontece de fato, quando aquele que lê, considerando que já não é o *tu* projetado por *eu* e que já não lê o *eu* oriundo de quem tomou a caneta ou de quem escreveu na tela, coloca-se como o *tu* do sujeito que emerge da escrita, na impossibilidade de ser exatamente o *tu* projetado por "eu". A partir daí, devolve essa escrita com questionamentos em uma perspectiva que permita ao aluno reinventar-se enquanto *eu*, revendo o seu modo de estar na língua em uma nova escrita. É para isso que deve se dar a *re-escrita*: para produzir a *re-invenção* de um "eu" que se encontra sustentado pelo "tu".

Dentro desse contexto, é preciso lembrar do papel do "ele", apresentado por Benveniste como a não-pessoa, como já tratamos anteriormente. É importante destacar que Dufour configura a não-pessoa benvenistiana de dois modos o "ele" e o "e~~le~~". Enquanto o primeiro diz respeito àquele que é co-construído pelo par *eu-tu*, tornando-se o *ausente* presentificado na enunciação escrita, o segundo diz respeito ao que não pode ser dimensionado na instância enunciativa porque está relacionado à ordem do indizível. Pelo fato de toda a escrita e, mais ainda, toda a *re-escrita*, ser da ordem da presentificação de uma

ausência sempre recoberta por algo inacessível, é que se apresenta de forma tão complexa para o professor avaliar o texto produzido pelo aluno.

O laço depende, portanto, da tríade eu-tu/ele. Se ficar na díade não é laço, é fita, pois não há amarra. Para sustentar o laço, acreditamos que o professor precisa se permitir estar no lugar de *tu* do aluno, deixando a cena de protagonista da enunciação das aulas, para partilhar, junto daquele que escreveu o texto, o *ele* presentificado na escrita a fim de estabelecerem uma parceria na enunciação que auxilie na *re*-escrita. Esse deslocamento do lugar de *eu* (ministrante das aulas) para *tu* (leitor do texto do aluno) é importante para que, aos poucos, o *scriptor* possa postular outros alocutários para a sua escrita e assuma um lugar de protagonista na enunciação escrita.

Nesse sentido, é importante que o professor reconheça a singularidade do sujeito que advém do gesto de apropriação da língua pelo locutor-aluno e fique menos preso ao *eu-scriptor*. Assim, cada texto é um texto e merece ser cuidadosamente analisado em seu processo porque dele sempre emerge um novo sujeito. À medida que os alunos compreendem a postura de “escuta” do professor, que se coloca como um mediador-problematizador da escrita do aluno, mais abertura haverá na escrita para convocar outros leitores. Com o redimensionamento do *tu*, também deve ocorrer um redimensionamento da escrita do aluno.

É o deslocamento do lugar de *eu*-professor para *tu*-professor diante da convocação do aluno que pode promover uma configuração do laço. “Pode promover” porque dependerá do deslocamento do *eu*-aluno para *tu*-aluno, quando da devolução do texto. É preciso que esse aluno que antes tomou a palavra para escrever seu texto, convocando especialmente o *tu*-professor para lê-lo e/ou avaliá-lo, assuma também a posição de *tu* ao receber a devolução do texto para que *re*-assuma a sua escrita como um novo *eu*, reavaliando o seu modo de estar nessa escrita.

Essa breve discussão, a partir das proposições benvenistianas aliadas às discussões de Dufour, representa uma reflexão inicial para ressignificar o conceito de laço, como o lugar da troca intersubjetiva em que o professor, ao se colocar como um *tu*- parceiro do aluno que escreve, possibilita que esse estudante reveja o seu modo de se expressar na/pela escrita. É dessa troca, que o aluno redimensiona seu lugar na enunciação escrita, fazendo com que, em uma *re*-escrita, emergja um novo sujeito, o que pode elevar a possibilidade de constituição da autoria.

4. O LAÇO NA ESCRITA: UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE

Como um exercício de reflexão sobre o laço no processo de ensino de escrita, deixo-me interrogar por dois excertos (primeira e segunda versão do texto), que constitui o último parágrafo de uma resenha produzida por uma aluna da graduação, em seu primeiro semestre na graduação. Junto dos excertos, trago a interlocução que tive com a aluna após sua produção. Esse exercício de análise atenta para desvelar se e como ocorre o laço entre professora e aluna na escrita.

Nesse contexto, analiso não só os movimentos realizados pela aluna da primeira para a segunda versão de seu texto, diante da intervenção do professor, mas também o que ela diz sobre eles ou sobre como percebe sua relação com aquela que revisa seu texto. Nesse sentido, observo como se configura a relação eu-tu-ele e de que ordem é essa configuração.

(v.1/ p.9)⁶

Acho que deixou a desejar na questão de expor as opiniões e conhecimentos dos próprios autores, pois a maior parte das informações foram retiradas de livros escritos por terceiros. Na sessão das considerações finais, o pouco que expõe a opinião dos autores do artigo não foi o suficiente. O artigo pode ser recomendado para **qualquer** funcionário da educação, pois ajuda a identificar comportamentos de crianças e adolescentes que <> muitas vezes <> podem ser difíceis de serem compreendidos. ??

Em textos acadêmicos não se emprega essa expressão!

(v.2/ p.9)

[**Acho que** deixou a desejar na questão de expor as opiniões e conhecimentos dos próprios autores, pois a maior parte das informações foram retiradas de livros escritos por terceiros. Na sessão das considerações finais, o pouco que expõe a opinião dos autores do artigo não foi o suficiente.] O artigo pode ser recomendado [para **qualquer** <**a todos** os >funcionário<s> da educação, pois ajuda a identificar comportamentos de crianças e adolescentes que <<>> muita vezes <<>> podem ser difíceis de serem compreendidos.

Retomamos a discussão do emprego de “qualquer funcionário” porque observamos a substituição por “todos os funcionários”. Mostrei a ela que a professora continuava interrogando-a sobre o uso do termo “todos”, e ela constatou que não entendia muito bem as

⁶ A transcrição diplomática do excerto, realizada com auxílio da genética textual, tem como objetivo “dar a ver” os movimentos realizados pela aluna em seu texto e a revisão da professora. As expressões enquadradas e tarjadas de vermelho foram circuladas pela professora. Os comentários em vermelho também são dela. O uso de [] sinaliza as supressões realizadas pela aluna e o emprego de < > sinaliza os acréscimos: em vermelho, quando sugeridos pela educadora, em preto, quando realizados pela aluna. Em itálico, apresento o relato da interlocução entre mim e a aluna após sua produção.

interrogações realizadas pela educadora ao longo do processo de escrita: “acho que isso faltava também talvez eu devesse sentar com ela e tipo assim na época...ter sentado com ela e perguntado ‘por que isso’? Eu teria aprendido mais, mas não sei...não ficava claro às vezes porque que isso está errado, sabe?”.

No trecho em negrito fica evidente o quanto, ao olhar para o seu texto, após algum tempo em que cursou a disciplina, a aluna dá-se conta de que seria necessário a busca pela interlocução com a professora. Nesse sentido, ela sinaliza a necessidade de seu engajamento com aquela que se coloca no lugar de *tu* ao revisar a sua escrita a fim de que ela possa mobilizar melhor uma *re*-escrita.

Aproveitei então o fato de ela ter falado na questão de ler artigos para questioná-la sobre a recomendação de leitura do texto resenhado a “qualquer funcionário da educação” no último parágrafo da primeira versão. Perguntei à aluna se haveria uma solução para a inadequação do emprego de “qualquer” na primeira versão. Ela afirmou que seria melhor tirar o “qualquer” e deixar apenas “para funcionários”, e ela manteve essa opinião ao visualizar a interrogação em “todos” no último parágrafo da segunda versão.

Perante a interlocução que teve com a pesquisadora, a aluna resgata a expressão utilizada e a *re*-significa. Mesmo que não soubesse delimitar uma explicação para sua decisão de empregar “para funcionários”, ela constata que esse é o melhor termo, pois o questionamento da pesquisadora diante da leitura do texto, a conduz a uma espécie de *re*-significação, ainda que inacessível em sua totalidade.

Para Benveniste, a escrita supõe uma abstração de alto grau em que aquele que escreve precisa tornar inteligível sua linguagem interior a um leitor. Esse processo não é nada fácil. Nesse sentido, acessar a língua e manifestar-se por meio da oralidade pode auxiliar o aluno no seu processo de escrita, uma vez que, na fala, ele conta com uma riqueza contextual que o auxilia no processo de constituição do referente. A passagem confirma, portanto, que a interlocução oral é benéfica para a mobilização da escrita.

Logo em seguida, a estudante atentou para o apontamento da professora: “Em textos acadêmicos não se emprega essa expressão”. Ela supôs que a afirmação se devesse ao fato de ela ter expresso uma opinião pessoal. Interroguei-a sobre a possibilidade de utilizar “eu” em textos acadêmicos e ela disse que não tem por hábito fazê-lo, mas que na época ela não

entendia muito como que era o “funcionamento” de uma resenha nem tinha por costume ler artigos.

A linguística da enunciação benvenistiana e toda sua reflexão sobre os pronomes já atestou o emprego da primeira pessoa em textos acadêmicos, uma vez que ao proferirmos “eu”, propomo-nos como sujeitos em função de um *tu*. Como o propósito aqui é uma reflexão sobre o laço, o que chama nossa atenção é o fato de que a aluna construiu somente uma suposição diante do apontamento da revisora, tendo em vista que não a questionou a respeito. Além disso, o fato de ela não ter o hábito constante de ler resenhas reforça a relevância do papel do educador como mediador e interlocutor no processo de escrita.

Assim, é possível notar que a falta de interlocução oral dificultou uma troca efetiva, a qual passa a ser repensada somente quando a aluna discute com a pesquisadora. O laço pressupõe uma troca que conta com o engajamento tanto do aluno quanto do educador, uma vez que para que o aluno possa deslocar cada vez mais o endereçamento de seus textos para outros possíveis leitores, é preciso que o professor se posicione como um interlocutor. Assim, o aluno pode *re-significar*, com auxílio da discussão oral, aquilo que ele pode ter dificuldade de compreender no que se refere à intervenção escrita do educador. Ao aluno, por sua vez, cabe lembrar que pode e deve adotar uma postura de interesse pelo seu processo de escrita.

É importante lembrar que a compreensão que o aluno tem de escrita muito pode interferir na maneira como ele se enlaça com o educador. Se o scriptor percebe a revisão como uma correção, sobre a qual pouco precisa refletir, a reescrita acaba por se tornar uma tentativa de dar ao produto uma condição de adequação à proposta de produção, levando em conta quase que exclusivamente a caracterização de um gênero ou questões de correção em termos gramaticais. Se ele percebe a revisão como parte do processo, ele amplia a possibilidade de encontrar no educador suporte para tornar seu texto inteligível a outros leitores.

Nesse contexto, faz-se necessário aulas em que a escrita é abordada claramente como uma experiência que pressupõe um complexo processo de elaboração, o qual não pode estar circunscrito exclusivamente à colocação de termos sob a forma escrita. A necessidade do laço nesse processo evidencia a relevância da reflexão de Benveniste: a escrita é um sistema não linguístico, embora suponha a língua.

Trata-se de um sistema da ordem da experiência singular de cada scriptor e, por isso, difícil de ser penetrado e para o qual não há receita, uma vez que é inacessível em sua

totalidade. Na sua complexidade, também está sua grandeza, pois convoca uma impossibilidade de esquivamento da “matéria estranha”, uma vez que seu ensino requer a abertura para uma ciência geral do homem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita, experiência singular de cada homem na língua, conta com um aliado para sua mobilização: o laço. Esse, caracterizado pelo engajamento do aluno em seu processo de escrita e pelo posicionamento de interlocutor do educador, configura-se em uma troca que conduz o aluno a rever o seu modo de estar com sua escrita.

Esse processo de configuração do laço na escrita e em seu ensino é bastante complexo, uma vez que acentua a necessidade de problematizá-la como um sistema inacessível em sua totalidade, que supõe a língua, mas não se resume a ela. Assim, a escrita como experiência pode ser construída a partir da experiência com o laço.

Ambas experiências possíveis de serem problematizadas, no entanto inesgotáveis na possibilidade de aprofundamento. O laço constitui-se, nesse sentido, em uma outra *forma complexa do discurso*, a qual requer muitos outros *desdobramentos* futuros. O importante é buscar efetivá-lo a fim de que o ensino, parafraseando Benveniste, bem antes de *servir para comunicar, sirva para viver*.

REFERÊNCIAS

1. ARAÚJO, Érica. Implicações subjetivas na relação professor-aluno: um olhar sobre o processo de (re)escrita de manuscritos escolares. Dissertação de mestrado (Linguagem, texto e discurso). Uberlândia: UFU, 2014. Orientação: Dra. Cármen Lúcia Hernandez Agustini.
2. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005.
3. _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
4. _____. *Dernières Leçons*. Paris: Editora Gallimard, 2012.
5. _____. *Últimas aulas no Collège de France*. São Paulo: ed. da UNESP, 2014.
6. BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
7. CAPT, Vincent. *Poétique des écrits bruts*. Éditions Lambert-Lucas, Limoges, 2013.

8. DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
9. FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste. *ReVEL*, edição especial n. 7, 2013.
10. ROCHA, Luciana Catarina. Um olhar enunciativo para interlocuções entre médico e paciente em consultas ambulatoriais pelo Sistema Único de Saúde. Dissertação de mestrado (Linguística Aplicada). São Leopoldo: UNISINOS, 2013. Orientação: Dra. Marlene Teixeira.
11. TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. *Desenredo*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 8, n. 1, jan./jun. 2012a, p. 71-83.
12. _____. Um lieu épistémologique pour l'analyse de la subjectivité dans des pratiques des soins infirmiers. Conferência. Strasbourg : Premier Congrès de la Société Internationale d'ergologie, 2012b, p.1-7.

ABSTRACT: This article aims to discuss the bond between teacher-reviewer and student-scriptor in writing. Therefore, it begins from the writing notion in the reflection of Benveniste and the study of pronouns in the Syrian linguist work. We also promote a discussion about the bond configuration in an excerpt from a review produced by a student in a course at the university and in a dialogue excerpt held by her and the researcher after conducting its production. The study concludes that the bond is configured in a *complex form of discourse* necessary to enable the learning of writing.

Keywords: writing; enunciation; bond; experience.